



**O REPROVÁVEL, O ACEITÁVEL E O DESEJÁVEL:
ESTUDO DOS USOS DA PREPOSIÇÃO PARA EM VARIAÇÃO COM A NA
ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA RURBANA**

Isabel dos Santos Magalhães Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: belisamgomes2@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Partindo da concepção de que é necessário ir além do ensino de Português polarizado em certo e errado, centrado em padrões gramaticais tradicionais e assumindo o contexto da aula de Português como campo propício para a reflexão sobre a língua em uso conforme sugere Bortoni-Ricardo (2004), propusemo-nos a investigar a variação da preposição *para* em eventos de escrita de discentes do 9º ano do Ensino Fundamental, visto que formas variantes desse item (*pra*, *pras*, *pro*) faziam-se presentes em textos produzidos por eles. Especializando um pouco mais o estudo, optamos por averiguar sua competição com a preposição *a*, já que essas apresentam-se rivalizando em algumas circunstâncias. Assim, delimitamos a variação da preposição **para** vs *a* enquanto nosso objeto de estudo, adotando como objetivo geral, para tal análise, estudar, na escrita desses alunos, a ocorrência desse fenômeno em contextos de verbos de movimento.

Para maior contextualização do item em estudo, delineamos sua trajetória desde a formação até os usos atuais, investigando-o em gramáticas históricas, (SAID ALI, 1996 [1921]); (COUTINHO, 2011 [1938]), em compêndios tradicionais (CUNHA e CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2000; BECHARA, 2004) e acepções linguísticas (NEVES, 2000; BAGNO, 2011; CASTILHO, 2016). Além disso, estudos hodiernos, que abordam a variação de preposições, a exemplo de Mollica (2003) e Vieira (2009), induziram-nos a propor nova discussão acerca desse item lexical levando em conta os usos e valores a ele atribuídos por esses usuários do PB.

Nessa perspectiva, o nosso trabalho caracteriza-se como um estudo voltado para a Sociolinguística, mas vincula-se ao contexto de sala de aula, esteando-nos nos pressupostos defendidos de Stella Maris Bortoni-Ricardo em suas obras, as quais demonstram preocupação com a aplicação da Linguística em contexto de ensino de LP,



além de reflexões sobre a chegada de utentes de camadas sociais populares à escola, com a tão sonhada democratização e universalização do ensino fundamental e básico.

Historicamente, entre nós, Mattos e Silva (1997) assegura que a escola, entre os povos ocidentais e cristãos, tem adotado, desde sempre, uma postura de conservação e consagração, advindo daí a legitimação e a exigência de um padrão de língua idealizado como matéria principal das aulas de português, o que, segundo a autora, configura-se como uma forma de violência, ainda que simbólica, para a maioria daqueles que passam pela instituição escolar. Consonantemente, Houaiss (1981), ao tratar da institucionalização da Língua Portuguesa como nosso idioma oficial, reafirma a sobreposição do Português Europeu aos falares do nosso território colonizado, assegurando que tal idioma tornou-se nacional, oficial e de ensino irrestrito e obrigatório de maneira imposta, segundo enfatiza nestas palavras “[...] a situação linguageira no Brasil presente derivou de uma profunda e intensa luta glotofágica e etnocida, pois o português ‘venceu’ comendo línguas e matando culturas.” (HOUAISS, 1991, p.50), ratificando a coercividade, quiçá incôscia, desse processo.

Por outro lado, Silva (2005) elucida-nos que mesmo, em inícios do Século XX, Silva Ramos (1853 – 1930) e Alfredo Gomes (1859 – 1924), reconhecem variações no PB, demarcando a ocorrência de falares ditos populares em oposição ao uso erudito da língua (o desejável). Segundo o autor, Ramos admite, ainda, a possibilidade de mudanças, ou seja, o emprego, em época posterior, de formas consideradas “não corretas”, mas aceitáveis (o aceitável), criticando severamente, contudo, o falar da plebe o qual julga conquanto reprovável.

METODOLOGIA

Sendo a Sociolinguística o principal aporte teórico-metodológico deste trabalho, assumimos a concepção de comunidade de fala da Teoria da Variação e Mudança, ressaltando, que o interesse do pesquisador sociolinguísta deve se concentrar na comunidade de utentes e não no indivíduo como alerta Labov (2008 [1972]). Oliveira e Silva (2017), aportada em tais preceitos afirma que ao coletar dados “[...] não se pode perder de vista que se pretende obter uma pesquisa sobre a comunidade e não apenas sobre a amostra [...]” (OLIVEIRA e SILVA, 2017, p.119), esclarecendo-nos que é



imprescindível em trabalhos dessa natureza a imbricação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam o uso de formas alternativas.

Neste estudo, a comunidade de participantes selecionada é formada pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Anísio Teixeira, uma escola *rurbana*, situada em região central do município de Vitória da Conquista. Sendo o *corpus* da nossa pesquisa constituído com dados de ocorrências do emprego de **para** e *a*, extraídos da escrita desses utentes, para investigação dos fatores condicionantes da variante binária em análise: **para** em variação com *a*. Com o intuito de averiguarmos os fatores que têm favorecido o uso de uma ou outra dessas formas, correlacionando-as ao desejável, aceitável e reprovável. Nessa trilha, consideramos como variáveis linguísticas *o traço semântico de permanência e o monitoramento*; e extralinguísticas, *diazonalidade e sexo*, partindo da hipótese que tal fenômeno é mais condicionado por aspectos internos do que externos à língua.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados somaram, no total, 593 ocorrências dentre as quais 346 correspondem ao uso de **para** e 217 ao emprego de *a*, equivalendo, respectivamente a 58% e 42% do total das realizações, evidenciando, apesar da diferença não tão relevante, maior recorrência do uso de **para**.

No que concerne às variáveis linguísticas, o traço semântico de permanência e o monitoramento correlacionam-se ao uso desejável dessas variantes. A primeira pauta no que estabelece os padrões da GT ao prescrever o emprego de **para** em situações que indicam [+ permanência] e *a* de [- permanência] e a segunda analisando o emprego em contextos [+ e -] formais e/ou situação de escrita [+ e -] espontâneas. Os resultados apontam que **para** é mais produtivo em situação de [+] permanência (86,8%) – o desejável, entretanto já se insinua, significativamente, em circunstâncias que indicam menos permanência (45%), coocorrendo com *a*, uso aceitável, mas questionado pelos que primam pela erudição. Em se tratando do monitoramento, ficou evidente o favorecimento de **para** em práticas menos monitoradas e mais espontâneas com (68,1%) das ocorrências em oposição a (54%) de seu emprego em contextos mais controlados e menos voluntários, confirmando a competição entre as formas variantes e reafirmando o afastamento dessas



do uso desejável, aproximando do aceitável, vez que se contrapondo ao item prepositivo *a*, **para** se apresenta como menos estandardizada.

Quanto aos aspectos não linguísticos, tanto diazonalidade quanto sexo, convergiram para resultados não esperados, indicando maior produtividade de **para** entre os informantes da zona urbana (61%) das ocorrências e do sexo feminino (62,2%), indo de encontro a estudos que demarcam o emprego de formas mais canônicas (uso desejável) – que em nosso estudo seria a preposição *a*.

Também averiguamos os valores atribuídos pelos discentes às formas optativas de **para** (*pra*, *pro* e *pa*), para as quais avaliamos o grau de formalidade de uso na escrita e na fala. Os dados indicaram que nesta comunidade de informantes essas variantes são aceitáveis em contextos de fala informais e reprováveis em contextos formais de fala e de escrita formais ou não, figurando *pa* como o item de uso mais estereotipado e reprovável, principalmente, em se tratando da escrita.

CONCLUSÕES

O propósito deste trabalho consiste em uma análise da preposição **para** em concorrência com *a* na escrita de alunos do 9º ano de uma escola *rurbana*, considerando os fatores condicionantes de natureza linguística e não linguística, observando os que mais têm favorecido tal variação. Examinamos a frequência da variação em análise, em ocorrências de escrita desses partícipes, levando em conta as variáveis motivadoras do fenômeno, além de propor atividades que nos possibilitassem antever a avaliação das formas inovadoras de **para** nesse grupo. Os resultados finais obtidos comprovam a competição entre **para** e *a*, mais condicionada por aspectos estruturais do que sociais, apontando para a preferência do uso de **para** em contextos que indicam [+ permanência] e circunstâncias de escrita menos monitorada. Quanto aos fatores extralinguísticos, o uso de **para**, nesses subgrupos, foi mais produtivo entre os discentes de origem rural e do sexo feminino, contrapondo-se ao cogitado. A análise dos dados evidenciou que as variáveis selecionadas demarcam a coocorrência das formas prepositivas, confirmando o fenômeno variável, por nós, investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Sócio-história; Sociolinguística; Sala de Aula; Preposição; Rurbano.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIAS

- ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- HOUAISS, Antônio. A linguagem oficial. *Revista do Serviço Público*. Brasília, v. 109, nº 4, 1981. pp. 54-59.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Contradições no ensino de português: A língua que se fala X a língua que se ensina*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- OLIVEIRA e SILVA, Gisele Machline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2017. cap.13; pp. 117-133.
- SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Variação das preposições em verbos de movimento*. Signum: Est. Ling, Londrina, v. 12, n./ pp.423-345, 2009. (Tese doutorado)



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO